**Atividades:**

Responda a estas questões num documento word e, no final, submeta a sua tarefa.

I Variação Linguística

1. Considere a noção de variação geográfica. Recolha 5 palavras ou expressões típicas da sua região e compare-as com outra região que conheça.
2. O biscoito óreo. No Brasil chamamos ÓREO, cá em portugual chamam Oreo com sílaba tônica no e.
3. Égua! – Uma expressão muitíssimo usada em Belém, “égua do bombom” quer dizer que o bombom é maravilhoso. Mas no Sul do Brasil, a expressão é um xingamento.
4. Bué, que cá em Portugal quer dizer muito, em Belém é usado o termo “muito” apenas.
5. Escangalhado – em Belém, é algo quebrado, que não funciona. No sul do brasil é apenas “danificado”.
6. Carapanã – um mosquito, em no nordeste é Murissoca, ou mosquito mesmo.
7. Sabemos que o Português é uma língua viva e, por ser dinâmica, está em constante mudança. Assim, temos arcaísmos e neologismos, resultantes dessa evolução. Apresente 5 exemplos para cada um deles.

- Arcaísmos:

1- Mui: mui.

2- Quiçá: talvez

3- Tença: sinónimo de posse.

4- Trepa: Coça, tareia, treino.

5- Vosmecê: sinónimo de você.

- Neologismos:

1- Print: Tirar foto da tela do computador ou celular.

2- Croissant: um salgado.

3- Linkar: Colocar um link

4- home office: Trabalhar em casa

5- Sextou: usado nas sextas-feiras para expressar que a semana acabou.

1. Recorde agora a variação situacional. Analise a mesma história nos diversos níveis de língua e responda às questões:

I - ***Linguagem corrente***:

|  |
| --- |
| * *Registo de língua que serve os meios de comunicação de massas, qualquer que seja o estrato sociocultural. O vocabulário e a construção sintática seguem a norma, isto é, não apresentam marcas específicas de outras linguagens*. |

*“ Os meus amigos convidaram-me para fazer um piquenique. Realizou-se ontem na Lagoa de Pataias. Desconhecia aquele local, mas achei-o adequado para um encontro como este. Divertimo-nos imenso; comemos, bebemos, dançámos, tomámos muitos banhos e rimo-nos bastante com as anedotas do António”.*

1 – Este registo apresenta marcas da oralidade? Porquê?

Sim, pois apresenta expressões informais como “divertimo-nos imenso”, “os meus amigos”.

2 – Como caracteriza o vocabulário utilizado?

O vocabulário utilizado é formal, comparado aos próximos, mas ainda carece de palavras mais formais para o caso de ser falado ao presidente, por exemplo. Esse pode ser muito bem falado a um amigo colega também.

3 – Que tipo de construção frásica encontramos neste texto?

O texto apresenta uma construção frásica predominantemente simples e direta.

II – ***Linguagem familiar***:

|  |
| --- |
| * *É a linguagem do quotidiano. É pouco rigorosa a nível sintático e vocabular. É espontânea e característica da linguagem oral.* |

*“ Aqui há dias uns amigos convidaram-me para fazer um piquenique. É claro que aceitei logo porque, mesmo sem conhecer o local, já sabia que seria uma tarde espetacular. Quando lá chegámos disse logo à malta que aquilo era o sítio mais indicado para comer e beber. Ainda rimos um bocado com as piadas do Tó; foi até eu dizer: «Ó homem, cala-te lá que eu vou rebentar de tanto riso»”.*

4 – Quais as diferenças que encontra ao nível vocabular?

Tem mais palavras informais que o primeiro. No primeiro texto, são utilizadas expressões como "adequado para um encontro como este", enquanto no segundo texto a expressão correspondente é "o sítio mais indicado para comer e beber". No primeiro texto, a frase "tomámos muitos banhos" é utilizada para indicar que as pessoas nadaram bastante. No segundo texto, essa ideia é transmitida de forma mais informal e coloquial, com a expressão "ainda rimos um bocado com as piadas do Tó".

5 – Em relação à oralidade, o que podemos apontar?

Ambos os textos apresentam construções frásicas simples e diretas, típicas da linguagem oral, e incluem expressões como "os meus amigos", "divertimo-nos imenso", "piquenique", "malta", "um bocado", entre outras, que são comuns na linguagem falada.

6 – Em que situações utilizamos este registo de língua?

Este registro de língua é comumente utilizado em situações informais e cotidianas, especialmente em interações entre amigos, familiares ou conhecidos. É o tipo de linguagem que usamos em conversas informais, durante encontros sociais, festas, eventos casuais, entre outros

III – ***Linguagem popular***:

|  |
| --- |
| * *Esta linguagem é marcada pelo uso de expressões proverbiais. Baseia-se na oralidade e a sua sintaxe é simplificada com a troca de sons ou omissão de sílabas. É usada por classes pouco alfabetizadas e apresenta, por vezes, vocabulário de nível calão. É neste nível que se enquadram a gíria (própria de grupos sociais e não é compreendida por outros, sofrendo alterações semânticas) e o calão (é uma situação marginalizada, que recorre a vocabulário grosseiro).* |

*“Não sei quando, uns amigos disseram-me para aparecer numa almoçarada que iam fazer. Ainda tive vontade de não pôr lá os pés, que eu nem conhecia a tal lagoa. Mas ainda bem que fui lá porque enchi a barriga de febras e bebi uns bons copos de tinto. Aquilo pró fim era uma algazarra com o Toino a mandar umas valentes piadas à malta. Às tantas tive de ir embora, se não rebentava de borracho”.*

7 – Faça o levantamento do vocabulário que acha desadequado.

*Almoçarada, enchi a barriga de febras, rebentava de borracho.*

8 – Encontra expressões próprias da oralidade? Aponte-as.

*Não sei quando, uns amigos, Ainda tive vontade de não pôr lá os pés, a tal, tive de ir.*

9 – Indique as razões pelas quais podemos considerar este texto fora da norma.

Uso de vocabulário informal e gíria, como "febras", "borracho" e "malta", que não são considerados parte da norma culta da língua. Sintaxe simplificada e omissão de sílabas, como em "pra" em vez de "para". Expressões idiomáticas e próximas à linguagem falada, como "às tantas" e "ainda bem que".

IV – ***Linguagem cuidada***:

|  |
| --- |
| * Neste tipo de linguagem, o emissor distancia-se do recetor. Utiliza-se uma expressão elaborada, com precisão de vocabulário e construção sintática mais complexa. É pouco utilizado na oralidade; tem um carácter mais literário. |

*“Foi com elevado prazer que aceitei o convite dos meus digníssimos amigos para partilhar com eles uma tarde de são convívio. O evento teve lugar numa apaixonante lagoa, onde repousavam as filhas de Neptuno. Com o corpo a pedir alimento, dignaram-se os ilustres amigos servir-me uma refeição digna de Deuses; nem mesmo o néctar de Baco faltou. Para finalizar este maravilhoso encontro, o meu querido e estimado amigo António deleitou-nos com algumas truanices, o que nos alimentou o espírito”.*

10 – Em relação ao vocabulário utilizado, o que podemos concluir?

Que o texto é formal e apresenta uma linguagem cuidada e sofisticada.

11 – É habitual usarmos este tipo de discurso? Quando é que ele é utilizado?

Não é habitual usarmos este tipo de discurso na linguagem oral cotidiana. Ele é mais comumente encontrado em contextos formais, como na escrita acadêmica, em discursos públicos, em textos literários ou em situações cerimoniais. Mas nem no meu TCC a linguagem foi tão sofisticada e cheia de palavras a dar ar narrativo.

12 – Este nível de língua serve a criação literária. Porquê?

A linguagem cuidada é especialmente adequada para descrever ambientes formais, personagens aristocráticas ou situações cerimoniais. Ela adiciona um tom de elegância e distinção ao texto, contribuindo para a construção de atmosferas refinadas e personagens bem delineadas. Além disso, a precisão vocabular e a construção sintática complexa ajudam a enriquecer a prosa e a expressar nuances de significado com maior sutileza.

1. Identifique, em cada alínea, o nível de língua presente.

a) Aprecio verdadeiramente essa atitude. \_\_\_Nível Cuidado\_\_\_\_\_

b) Gosto muito disso. \_\_\_Nível corrente\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

c) Sou maluco por isso! \_\_Nível popular\_\_\_\_\_\_\_\_

d) Curto isso bué! \_\_Nível popular\_\_\_\_\_\_\_\_

e) Vais ter um furo à tarde? \_\_\_Nível corrente\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

f) Solicito respeitosamente que me seja concedida a antecipação do período de férias. \_\_\_Nível Cuidado\_\_\_\_\_

g) Ritinha, dá um beijinho ao tio Luciano. \_\_\_\_Nível familiar\_\_\_\_\_

 h) O peixe hoje não bicou. Vamos embora que a faina acabou. Recolhe a fateixa e vamos. \_\_\_\_Nível familiar\_\_\_\_\_

i) Ó Maria, A Rosa já botou o sal na sopa? Diacho da rapariga, onde se terá metido? \_\_\_\_Nível familiar\_\_\_\_\_

j) Comprei uns lindos cadernos azuis. \_\_\_Nível corrente\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

II

Para refletir…



1. Faça uma breve pesquisa sobre a linguagem oculésica e apresente algumas particularidades da comunicação através do olhar.
2. Hoje celebra-se o Dia dos Namorados…

Leia o artigo de opinião e, a propósito do recurso às linguagens não-verbais na comunicação, comente a visão de Mário Ceitil em relação ao futuro das relações humanas e a inteligência artificial.

**O amor em modo digital: “vocálica, proxémica e oculésica”**

[*Mário Ceitil, presidente da Associação Portuguesa de Gestão das Pessoas*](https://linktoleaders.com/colaboradores/mario-ceitil/)

18 de Fevereiro, 2020



Desde os “idos” de 1980, época em que os robôs começaram a ser introduzidos nas grandes empresas industriais para realizarem tarefas “únicas e pesadas, como soldagem, pintura a spray ou montagem”, os progressos da robótica e da Inteligência Artificial têm vindo a registar um tal desenvolvimento e aceleração que as preocupações se centram hoje cada vez mais nos seus impactos na natureza do trabalho, designadamente do que diz respeito ao tipo e extensão das atividades humanas que poderão vir a ser progressivamente substituídas por máquinas cada vez mais sofisticadas e “inteligentes”. A grande, e compreensível, apreensão que esta questão suscita, tem vindo, no entanto, a ser, digamos, aliviada, pela ideia de que uma possível “grande expropriação” do trabalho humano pelas máquinas estará sempre confrontada com uma difícil, e alegadamente, insuperável limitação: a de que, como assinalou Rosalind Picard, “enquanto os sistemas e as máquinas não puderem lidar com emoções, é pouco provável que se envolvam em atividades e em tarefas ao nível dos seres humanos inteligentes”.

Desenganem-se, no entanto, aqueles que iludem as suas angústias com “o manto diáfano da fantasia”. Eis que se anuncia o surgimento da “computação afetiva” e, com ela, a criação de máquinas e sistemas tecnológicos “capazes de reconhecer e exprimir afeto”.

Com o alvor destes sistemas computacionais, a espécie humana pode vir a experimentar uma das maiores regressões filogenéticas da sua história, vendo uma das suas principais e mais diferenciadoras faculdades, designadamente o processamento e a autorregulação das emoções, poder ser imitado, e até suplantado, por “máquinas emocionais” que “podem reconhecer, interpretar, gerar e reagir a emoções humanas”.

Como as emoções são processos químicos e metabólicos que se traduzem em reações fisiológicas, físicas e comportamentais, os computadores poderão ser dotados de uma série de sensores programados para reconhecer automaticamente “os estados emocionais de um utilizador identificando e avaliando indicadores fisiológicos e mudanças nos seres humanos”, podendo, por essa via, estabelecer tipos de interação entre máquinas e mesmo entre pessoas e máquinas que podem de facto assemelhar-se a relacionamentos emocionais autênticos entre seres humanos.

Neste sentido, é de facto possível ver “robôs antropomórficos” praticarem a empatia através de “sensores giroscópicos” que medem os movimentos do corpo e estabelecerem sincronizações apoiadas em ferramentas de subespecialidades técnicas como a “vocálica” (técnica de análise de voz) e a “oculésica”, que estuda os movimentos dos olhos.

Por este andar, qualquer dia, quem sabe, podemos até vir a ter robôs de géneros indiferenciados, como manda a moral da época, a gerar relacionamentos emocionais de tipo “romântico”, baseados em “químicas algorítmicas”, inaugurando uma nova e promissora era de felicidade baseada no “amor em modo digital”.

Tentemos imaginar, usando de alguma liberdade literária, um cenário possível de um “robótico romance” entre duas máquinas antropomórficas que interagem entre si através de uma combinação complexa de redes de sensores.

Uma delas, que pode assumir o papel de ele, ela ou “isso”, deteta, na outra, pela “oculésica” um discreto movimento ocular oblíquo descendente, codificado como “interesse casto” e aciona, pela “vocálica”, o tom de voz programado para a função “sedução”. Os sensores da outra máquina captam por sua vez indicadores na morfologia do seu exoesqueleto codificados como “intumescências de humores” a indicar disponibilidade e acionam os elétrodos de condutância de pele, numa réplica mecânica de “*frisson*” erótico humano, analisado por “elétrodos que detetam mudanças indicativas na transpiração (…), na frequência respiratória (…) e na atividade elétrica cerebral.” Ambos, seguindo uma rigorosa sequência algorítmica, vão-se movimentando mecanicamente numa coreografia proxémica em frenética progressão alegórica até ao climax final.

Muito embora um cenário deste tipo, aqui desenhado intencionalmente em tons de um irrealismo absurdo, e altamente improvável, possa estar muito longe daquilo que é a nossa atual noção do real, o que é facto é que os espantosos progressos da investigação em robótica e IA nos vêm surpreendendo com horizontes cada vez mais disruptivos.

Apesar de tudo, é importante salientar, como nota final, e em defesa da maior “humanidade do humano”, que esses eventuais tipos de interações de “natureza emocional” aqui hipoteticamente sugeridos, se vierem realmente a acontecer, obedecerão sempre e exclusivamente a regras e combinações algorítmicas puramente técnicas, faltando-lhes a centelha de alma e o sortilégio de mistério que convertem as genuínas emoções humanas em verdadeiros passaportes para o sublime.

\*Nota do autor: Este texto foi composto a partir de sugestões e citações extraídas do livro “O Futuro das Profissões”, de Richard e Daniel Suskind, Editora Gradiva.

<https://linktoleaders.com/o-amor-em-modo-digital-vocalica-proxemica-e-oculesica-mario-ceitil-apg/>

Acedido em 8 de janeiro de 2024